

A crise metafísica da subjetividade¹

Walter Matias Lima²

Resumo:

O presente texto apresenta uma discussão sobre a trajetória da noção de sujeito no transcurso da modernidade e destaca a importância das contribuições de Heidegger e de Freud, notadamente do primeiro, para a temática da crise metafísica da subjetividade.

Introdução

No âmbito teórico, temos dois níveis possíveis de problematização da realidade: o nível do ente (*ôntico*) e o nível do ser (*ontológico*).

Podemos afirmar que tudo é ente, há uma diversidade de entes e a esta diversidade pertencem as ciências particulares (as epistemologias), sendo esta uma questão tipicamente moderna, pois, se ao campo da *episteme* pertence toda esta diversidade, nem sempre se agiu de tal forma. Antes da modernidade, e até mesmo num bom período dela, a questão *ôntica*, isto é, a problematização do ente, era objeto da Teologia, da Filosofia e da Física - por exemplo: Kant (1978). E não esqueçamos que à filosofia cabia questionar tanto a dimensão *ôntica* quanto a *ontológica* da realidade.

Nessa abordagem, a Metafísica aparece como uma resposta possível, entre outras, à questão ontológica, ou seja, é uma resposta encontrada pela filosofia ocidental para, a partir da dimensão do ser, explicar as diversidades *ônticas*. Tal explicação tem como ponto de partida o absoluto, isto é, tudo se explica a partir do absoluto ou do universal.

Admitiremos que o início desta resposta comece a ser dada de forma sistemática por Platão, ao construir toda sua filosofia a partir do dualismo: mundo sensível e mundo inteligível. O filósofo vai afirmar, em vários de seus diálogos - principalmente: *Sofista*, *Parmênides* - (Platão, 1980; 2003), que a dimensão inteligível do conhecimento é originária da Idéia, onde o mundo inteligível se confunde com o próprio mundo das idéias, sendo

a Idéia absoluta, universal, inamovível, o que faz do ente, do sensível, mera aparência. Esta talvez seja a primeira sistematização da concepção Metafísica da realidade e é uma concepção que transitará por toda a filosofia ocidental até Hegel.

O que é importante notar é que, nesta abordagem da realidade pela Metafísica, vai acontecer um fenômeno importantíssimo para compreendermos o itinerário da Filosofia, isto é, a construção das várias abordagens metafísicas da realidade.

Podemos abordar a metafísica sob três aspectos: teológico, ontológico e o gnoseológico.

Contudo, o que aconteceu no ocidente foi o predomínio da metafísica teológica como explicativo das outras duas abordagens. Era o que Heidegger afirmava, dizendo que a metafísica no ocidente se afirmou como *onto-teo-logia*; o que para este autor serviu para consagrar o *esquecimento do ser*.

O problema já era colocado por Platão, que atribuiu à Idéia, especialmente à *Idéia do Bem*, um caráter ao mesmo tempo absoluto e divino. Sem dúvida, Platão inicia uma filosofia com nuances teológicas, que perdurará por todo o ocidente, principalmente após o advento do cristianismo com as elaborações teóricas dos padres inicialmente e, logo após, com as obras de Santo Agostinho e São Tomás de Aquino. Estes teólogos-filósofos vão justificar, a partir da herança grega, a *onto-teo-logia* que reforçará toda a visão do cristianismo da realidade.

Esta postura diante da realidade, sistematizada inicialmente com Platão e, até certo ponto, com Aristóteles, será também motivo de justificação para a ciência, pois o dualismo do

¹ O assunto foi apresentado na Quinta Cultural do GPAL, em 2004 e, naquele momento, centrava-se principalmente na influência de Kant para a Psicanálise freudiana. No entanto, insistimos numa abordagem voltada para o tema da metafísica e da subjetividade.

² Doutor em Educação pela UNICAMP, professor do Departamento de Filosofia da UFAL, do Curso de Especialização em Psicologia e Ação Psicossocial e do Mestrado em Sociologia, ambos da UFAL.

mundo das idéias - equivalente ao ser - e o mundo sensível, concreto - equivalente ao não-ser -, destacará o ser, que é necessário, universal e imutável, como atributo de Deus. Assim, os atributos divinos serão os atributos válidos para a própria ciência. Daí que todo uso posterior da lógica formal procurará justificar essa relação hierárquica entre ser e não-ser, prevalecendo o *ser*.

Tal compreensão levou todo o pensamento ocidental a pensar e interferir na realidade, produzindo explicações que só teriam caráter de validade enquanto fossem universais, o que resultou numa visão do mundo centrada no *logos* greco-judaico-cristão e que desprezou, até o século XIX, com a consolidação da cultura burguesa, a presença tanto de organizações sociais estranhas à Europa, como formas de pensamento que contradissem o itinerário percorrido pela razão no ocidente. Portanto, na tradição europeia, até um certo período, não há possibilidade para uma ontologia do não-ser, do nada.

No início do século XX, ocorreu uma crise. Podemos dizer que esta crise é inaugurada, também, pelo pensamento filosófico, através da reflexão vigorosa de Martín Heidegger; e, no horizonte da medicina, sob o trabalho infatigável e hábil intuição de Sigmund Freud. O pensamento desses autores converge já no alvorecer do século. Contudo, será Jacques Lacan, nos anos quarenta do século XX, que delimitará a correspondência de suas posições.

Um de postulados fundamentais, senão o maior deles e onde ocorre a junção crítica entre a filosofia de Heidegger e a psicanálise freudiana, é que seus interesses transversam sobre o tema do *sujeito* e da *subjetividade*.

A presente comunicação foi pensada como proposta de interface entre filosofia e psicanálise; embora não exclui seu oposto, as circunstâncias tendem mais para a inclinação do filosófico que psicanalítico.

Traçaremos um panorâmico itinerário, seguindo uma perspectiva heideggeriana, da antiguidade ao princípio do século; com a finalidade de revelar sentido de o termo *sujeito*, e com ele como o termo *subjetividade*. Aquele sentido que permanece oculto, inconsciente, mas que condiciona o modo de ser da realidade mesma.

Veremos logo que importância tem para a atualidade essas reflexões.

1. A Metafísica do Sujeito

O termo "sujeito" deriva da palavra latina "*subjectum*". Palavra composta pela preposição "sub", que significa "debaixo de", e o particípio perfeito de "*ŷci, ectum*", um verbo que significava colocar, por; seu particípio perfeito será então "o posto". *Subjectum* significa assim, "posto debaixo, colocado, situado abaixo", isto é: à base. Mas o sujeito - *subjectum* - não possui o mesmo sentido na antiguidade que em nossos dias; para entender a concepção de sujeito averiguaremos algumas acepções do termo: *subjectum*.

Subjectum é a tradução do grego: "*hypokeimenon*", cujo significado é bastante similar ao de "subjectum"; e é o término que Aristóteles consagrou para designar o ser das coisas. Mas, por que o *posto debaixo*, o subjacente, designa para os gregos o ser das coisas?; Heidegger responde: porque os gregos entendiam ser, designado-o pelo termo *ousía*, como 'o permanentemente presente'. Ou seja, o que é, é aquilo que permanece invariável na coisa, embora seus acidentes mudem; e aquilo que estando à base, sempre presente, sustenta a coisa sem modificar-se, mesmo que seus acidentes ou propriedades variem. A temporalidade primordial é a do presente, a presença, aquilo que está. É assim que aquilo que denomina o ser, a *ousía*, se une em seu sentido ao *hypokeimenon*, o que subjaz. Portanto, os medievais, traduziram *ousía* pela palavra substância identificando ainda mais, com igual raiz lingüística o ser com o *subjectum*: o que está posto à base como fundamento da coisa.

Destaquemos o seguinte: primeiro, o sujeito assim concebido, é um absoluto; isto é, não depende de outra coisa para existir; pelo contrário é o suporte, o que subjaz sempre presente, enquanto outras propriedades da coisa variam.

Segundo, para os gregos e para todo o pensamento medieval até Descartes, "Sujeito" não é algo 'subjetivo' como nós entendemos hoje; mas é algo da coisa mesma, é coisa mesma; são

A crise metafísica da subjetividade

sujeitos uma árvore, um cisne, etc. Ainda em Kant podemos rastrear este sentido de sujeito, que nós denominaríamos objetivo, junto ao novo sentido que tenderá a consagrar-se na modernidade.

Terceiro, também em oposição ao sentido atual, *objectum* tem em prefixo 'ob' que significava "diante de". Ou seja, dizer que *objectum* – objeto – significava o posto diante, de onde? Dos olhos; com o que o objeto, para a antigüidade, era algo mais subjetivo no sentido atual. E não o sujeito.

Descartes é chamado – com menor ou maior justiça – primeiro filósofo moderno. O que nos permite também considerá-lo – agora sim, com justiça – o último medieval. O que devemos reparar, é que se trata de um homem em cujo pensar declina um paradigma, o medieval, e acontece outro; aquele que logo se chamará modernidade. Surge uma nova essência de época.

Se bem que Descartes não conceitualiza a dúvida. O pensador duvida, porque vive uma crise da credibilidade. Porque já não encontra o fundamento para crer que as coisas 'são o que são'; nem nas coisas mesmas, nem a revelação como verdade. Como duvida de seu saber sobre tudo o que existe, deve buscar um fundamento. Como duvida ainda da palavra revelada por Deus, deve buscar este fundamento em sua razão, seu pensar, seu cogitar. Como deve ser um fundamento último e indubitável, deve resistir ainda à dúvida mais profunda e rigorosa.

Deixando de lado os pormenores do pensamento cartesiano, diremos que encontrando argumentos para duvidar de tudo, aquilo que resulta é evidente e resiste, à dúvida mesma. Mas duvidar é um modo de pensar – um cogitare – por isto pensar passa a ser existir. Seguindo o argumento: se podemos duvidar de todas as coisas, mas não do eu que pensa, que duvida, o eu é aquele fundamento que está primeiro na ordem do ser; a dúvida não pode corroê-lo. E será, então, fundamento dos demais entes.

O que Descartes começa a aplicar ao eu, sem tematizar, é a concepção do *subjectum*; por isto unicamente o eu será 'Sujeito'. Isto é, este eu-sujeito é um absoluto, presente, que se sustenta a si mesmo e não varia; uma vez que nem a mais rigorosa dúvida pode abalá-lo.

O objeto que, como dizemos, era algo mais subjetivo para os medievais, por ser uma representação do eu-sujeito passa, assim, a designar as coisas, os objetos, como serão logo pensados.

Apesar da contribuição decisiva de René Descartes, a identificação plena do eu com o *subjectum*, só chega a completar-se vários séculos após sua obra..

Por exemplo, no pensamento de Kant, postulando que as condições da representabilidade de um eu transcendental, são condições de possibilidade de toda experiência cognoscível. Ou nas obras de Fichte, Schelling e eminentemente em Hegel; com uma autoconsciência capaz de dar conta de todas as coisas – seja qual fora seu *status*. Por último, Husserl, onde o mundo se torna correlato de intencionalidade de uma consciência-sujeito.

Como serão apreciadas as crises derivadas desta concepção do eu como sujeito? Simplesmente não podiam ser apreciadas. Pois, aquilo que põe em tela de juízo o sujeito assim entendido, toma-o como algo secundário e marginal; que, ou bem o denomina 'erro', e se deve então à ignorância; ou se o denomina 'loucura', e é incompreensível; ou bem se o toma como uma enfermidade suposta, e será simulação. Mas não pode ser visto como sintoma.

2) A importância da crise.

A partir deste marco se produzem duas grandes rupturas.

A partir da filosofia Heidegger começa a desmascarar a metafísica tradicional, desvelando com lucidez um caminho de séculos.

Consequentemente Freud, tratando de incluir em uma nova concepção da alma humana a partir da hermenêutica dos sintomas de seus pacientes neuróticos, começa a minar as bases da subjetividade até então concebida. O que não apenas trará amplas conseqüências para a saúde mental, como para o pensamento em geral.

Baste recordar que Freud (1978), como Heidegger (1958; 1979; 1987), perseguindo exemplos, desarma o ideal de uma consciência auto-suficiente, de um eu autônomo e auto-

referenciado, no momento mesmo da grande hegemonia do EU. E põe o conflito, não de forma puramente contingente, mas daquilo que constitui o humano como tal; deixando para sempre a máscara de um eu indefinido.

Qual é, então, a importância, no momento em que vivemos, da 'consciência' virada iniciada por Freud e Heidegger na madrugada do século XX; e, quanto a isto, a importância da prática psicanalista?

Heidegger adverte sobre perigo implícito nesta concepção do eu identificado com o *subjectum*. O sujeito assim concebido toma o mundo como uma grande representação que depende de si mesmo, uma vez que este eu-sujeito é fundamento absoluto do mundo. É assim que, ao pôr-se a representar para si, dispõe ao outro de si de acordo a um esqueleto, onde tudo o que existe se torna objeto disposto e contempla o sujeito. A concepção de que este sujeito-eu é autônomo e não depende do objeto, que é sua representação, gera a ilusão de que o sujeito se encontra a salvo do dispositivo que o dispõe, informatiza e controla de maneira cada vez mais estreita e isolada.

Mas, o dito eu-sujeito, longe de ser autônomo, não pode submeter-se a este modo de ser, e se torna ele também sujeito disposto.

E assim, todo o mundo, incluído o homem, é representação de um dispositivo que obriga cada vez mais a representar para um sujeito; a informar e informatizar. O homem, longe de uma maior liberdade, corre um grande perigo de objetivação, onde escolher e ser responsável sejam apenas ilusões publicitárias. Para uma análise mais detalhada da relação entre sujeito e responsabilidade ver Lins (1997).

Pense-se que 'este mundo racionalizado, tecnificado e burocratizado', que não é capaz de pensar a relação de Ser e falta, ou o esquecimento do Ser, como o chamara Heidegger (1987); esteve – e está – à base dos grandes 'holocaustos' do século; do desprezo pela singularidade humana que impõe o cálculo e a eficácia; assim como dos experimentos de engenharia social, com seu messianismo e pretensão de verdade absoluta.

Pois bem, é na prática iniciada por Freud onde se pode rastrear, desde o século XX, boa parte da denúncia da falsidade do eu como *subjectum*. De onde se tem posto em jogo, em uma situação privilegiada de fazer emergir uma "verdade mais originária", os sintomas de alienação que impõe a constituição mesma da subjetividade. E, onde também se tem chamado objeto ao eu, mostrando sua condição de representação; e se apontou ao inconsciente, ao mais além "do que é", atrás de "o que faz ser".

A prática psicanalítica é um espaço, real e possível, de obter 'da crise da subjetividade' seu valor transformador; mas pode sê-lo também, e este é seu perigo, um lugar de resistência.

Referências bibliográficas

Freud, Sigmund (1978). *O Mal-Estar na Civilização*. São Paulo: Abril Cultural.

Heidegger, Martín (1958). *La época de la imagen del mundo*. Trad. Alberto Wagner de Reyna. Santiago de Chile: Ed. De los Anales de la Univ. De Chile.

Heidegger, Martin (1979). *O que é metafísica?* Coleção 'Os Pensadores'. São Paulo: Abril Cultural.

Heidegger, Martín (1987). *O que é uma coisa?* Lisboa: Edições 70.

Kant, Immanuel (1978). *Crítica da Razão Pura*. Coleção 'Os Pensadores'. São Paulo: Abril Cultural.

Lins, Daniel (Org.) (1997). *Cultura e Subjetividade: saberes nômades*. Campinas: Papyrus.

Platão (1980). *Sofista*. Coleção 'Os Pensadores'. São Paulo: Abril Cultural.

Platão (2003). *Parmênides*. São Paulo: Loyola.